

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O rico e Lázaro [The Rich and Lazarus]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Schifino Santos Jardim, Filipe André
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-01 21:03:59
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/229034

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

O RICO E LÁZARO: UMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO-EXEGÉTICA DE LUCAS 16:19-31

FILIFE ANDRÉ SCHIFINO SANTOS JARDIM

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em novembro de 2005

Orientador: Rodrigo P. Silva, Th.D.

ritintim@hotmail.com

RESUMO: A Igreja Adventista do Sétimo Dia registra em seu corpo doutrinário o conceito de que a morte é um estado de inconsciência, e que a recompensa final ocorre na consumação escatológica. Contudo, à primeira vista, a história do Rico e Lázaro (Lc 16:19-31) parece contradizer o pensamento adventista, dando a entender um estado de consciência do homem após a morte. Tal interpretação dá margem para se acreditar que os justos desfrutam o “seio de Abraão”, enquanto os ímpios sofrem o castigo eterno. Pode-se perguntar então: estaria Jesus ensinando um estado de consciência após a morte? Afirmaria Ele que o juízo de todo ser humano ocorre logo após o seu falecimento? Após deixar este mundo, iria o homem para um local de benção e regozijo ou de horrível tormento eterno? Diante dessas questões, faz-se necessário um estudo mais aprofundado do assunto, a fim de se descobrir se existe uma real contradição entre a Bíblia e a doutrina adventista.

Palavras-chave: O Rico e Lázaro, imortalidade da alma, Seio de Abraão.

The Rich and Lazarus: a historical and exegetical interpretation of Luke 16:19-31

ABSTRACT: The Seventh-day Adventist Church believes as a doctrine that death is an unconscious state, and that the final reward will come only at the final eschatological consummation. However, at a first look, the history of the rich and Lazarus (Lk 16:19-31) seems to contradict the Adventist belief, by pointing to a conscious state after death. Such understanding of the passage leads to the belief that the righteous dead enjoy afterlife at “the bosom of Abraham”, while the impious men endure the eternal punishment. The question could be raised: Was Jesus teaching about a state of consciousness after death? Was He affirming that the judgment of every human being occurs right after one’s death? After leaving this world, the deceased would go either to a place of blessing and joy or to a place of unspeakable torment? Because of these questions, it is necessary an in-depth study in order to search if there is a contradiction between the Bible and the Adventist teaching.

KEYWORDS: The Rich and Lazarus, immortality of the soul, bosom of Abraham.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O RICO E LÁZARO:
uma interpretação histórico-exegética
de Lucas 16:19-31

FILIPPE ANDRÉ SCHIFINO SANTOS JARDIM

Engenheiro Coelho – S.P.

2005

FILIFE ANDRÉ SCHIFINO SANTOS JARDIM

**O RICO E LÁZARO:
uma interpretação histórico-exegética
de Lucas 16:19-31**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção da graduação no Bacharelado
em teologia do Centro Universitário
Adventista de São Paulo.

Prof. Rodrigo P. Silva, Th.D.

Engenheiro Coelho – S.P.

Novembro de 2005

O RICO E LÁZARO:
uma interpretação histórico-exegética
de Lucas 16:19-31

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção da graduação no Bacharelado
em teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Por

Filipe André Schifino Santos Jardim

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Rodrigo Pereira Silva, Th.D.
Professor de Teologia Bíblica

José Carlos Ramos, D.Div.
Professor de Teologia Bíblica

Amim A. Rodor, Th.D.
Diretor da Faculdade de Teologia

Avaliação

Data da Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
0.1. O problema.....	1
0.2. Metodologia.....	1
CAPÍTULOS	
I. INTERPRETAÇÃO PATRÍSTICA DE LUCAS 16:19-31.....	3
1.1. Irineu (120 d.C. – 202 d.C.).....	4
1.2. Tertuliano (145 d.C. – 220 d.C.).....	5
1.3. Atanásio (295 d.C. – 373 d.C.).....	7
1.4. Gregório de Nissa (335 d.C. – 394 d.C.).....	8
1.5. Santo Ambrósio (340 d.C. – 397 d.C.).....	9
1.6. Santo Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.).....	10
1.7. João Crisóstomo (347 d.C. – 407 d.C.).....	11
1.8. Jerônimo (347 d.C. – 419 ou 420 d.C.).....	12
1.9. Conclusão parcial.....	13
II. ANÁLISE CRÍTICO-EXEGÉTICA DE LUCAS 16:19-31.....	15
2.1. Lucas 16:19-31 e sua estrutura literária.....	15
2.2. Delimitação da perícope.....	16
2.3. Variantes da perícope e figuras de linguagem.....	18
2.4. Análises de palavras e frases-chave do texto.....	19
2.5. Conclusão parcial.....	25
III. ANÁLISE HISTÓRICO-TEOLÓGICA DE LUCAS 16:19-31.....	27
3.1. Contexto histórico da perícope.....	27
3.2. Interpretação adventista de Lucas 16:19-31.....	32
3.3. Conclusão parcial.....	35
CONCLUSÃO.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	41
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

0.1. O PROBLEMA

A Igreja Adventista do Sétimo dia, da qual faz parte o pesquisador, registra em seu corpo doutrinário o conceito de que a morte é um estado de inconsciência, e que a recompensa final ocorre na consumação escatológica. Contudo, à primeira vista, a história do Rico e Lázaro parece contradizer o pensamento adventista, dando a entender um estado de consciência do homem após a morte, quando os justos desfrutam o “seio de Abraão” enquanto os ímpios sofrem o castigo eterno. Por isso, faz-se necessário um estudo mais aprofundado do assunto com o fim de descobrir se existe uma real contradição entre a Bíblia e a doutrina adventista.

Pode-se perguntar então: Estaria Jesus ensinando um estado de consciência após a morte? Afirmaria Ele que o juízo de todo ser humano ocorre logo após o seu falecimento? Após deixar este mundo, iria o homem para um local de benção e regozijo ou de horrível tormento eterno?

O objetivo desta pesquisa é compreender o que Jesus estava querendo ensinar com a narrativa do Rico e Lázaro e verificar se existe contradição entre seu ensino e a crença adventista. Este trabalho se delimitará à bibliografia selecionada.

0.2. METODOLOGIA

Para atingir este objetivo, será utilizado o método da “Leitura Atentiva” (Close Reading) do texto. No primeiro capítulo será feito um histórico da interpretação do texto

entre os pais da igreja. As divisões deste capítulo serão decorrentes aos diferentes pais que opinaram sobre o texto.

No capítulo dois será feita uma análise crítico-exegética do texto. Será estudado o texto e sua estrutura literária. Verificarão-se suas variantes e figuras de linguagem. E por fim serão analisadas as palavras e frases-chave do texto.

O capítulo três discorrerá sobre a análise histórico-teológica do texto. Primeiramente será apresentado o contexto histórico da narrativa e logo a interpretação Adventista da mesma.

A conclusão apresentará as descobertas feitas ao longo do trabalho e suas implicações para a compreensão do texto.

CAPÍTULO I

INTERPRETAÇÃO PATRÍSTICA DE LUCAS 16:19-31

Este capítulo pretende estudar de maneira não exaustiva a interpretação que os pais da igreja deram a narrativa do “O rico e Lázaro” durante a história.

Logo no século II a igreja primitiva começou a dar o nome de “pais” aos bispos¹ e foi em seu próprio seio que se suscitou o argumento patrístico.²

Para esta pesquisa, a opinião dos pais da igreja não tem um peso dogmático. Entretanto, não se deve esquecer que o texto patrístico ajuda a montar um histórico da interpretação do texto bíblico, deixando visível as variações interpretativas que ele sofreu durante este período. Desta forma, é possível comparar o texto original com suas interpretações posteriores.³

Na seqüência, serão apresentadas as diferentes interpretações e utilizações que os pais da igreja selecionados faziam do texto.

¹ BENOIT, André. **A Atualidade dos Pais da Igreja**. São Paulo: Ed. ASTE, 1996. p.11.

² Ibid., p.13.

³ SILVA, Rodrigo P. **Análise Lingüística do Σημερον em Lucas 23:43**. São Paulo: Gráfica Lagoa Bonita, 2002. p.30 e 31.

1.1. IRINEU (120 d.C. – 202 d.C.)

Foi bispo, doutor da igreja e Pai em Lyon. Um dos Pais da igreja que mais combateu as heresias do montanismo e do gnosticismo.⁴

Querendo combater os gnósticos, Irineu afirma que a passagem lucana não era uma parábola, mas sim um relato histórico usado por Jesus para ensinar doutrina.⁵

Ele utiliza o texto para demonstrar que as almas não passam de um corpo ao outro. Os corpos de Lázaro e do rico haviam ficado aqui se desfazendo no pó, mas suas almas seguiam.⁶ Elas retêm a figura de seu corpo bem como a memória de quando viveram.⁷

Sobre estas coisas, então, é plenamente declarado que as almas continuam a existir, que elas não passam de um corpo ao outro, que elas possuem a forma de um homem, então elas podem ser reconhecidas, e retêm a memória das coisas deste mundo; entretanto, que este dom de profecia era possuído por Abraão, e que cada classe [de alma] recebe a habitação tal como ela tem merecido, ainda antes do juízo⁸.

Escrevendo sobre o caso de Saul e a médium de En-dor, tanto Irineu como Tertuliano afirmam que a alma de Samuel permaneceu onde estava, no seio de Abraão, e só se deixou ver por arte de mágica.⁹

Para Irineu, existia uma unidade em cada pessoa, como uma composição singular de Espírito e carne.¹⁰ A vida imortal e incorruptível surge como o objetivo do plano de Deus para a humanidade desde sua criação. A imortalidade é uma dádiva de

⁴ IRINEU. In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.3226.

⁵ ORBE, Antonio. **Parabolas evangelicas en San Ireneo**. BAC – Biblioteca de Autores Cristianos 331 e 332. Madri: La editorial Católica, 1976. v.2, p.409.

⁶ ORBE, Antonio. Op.cit. p.412.

⁷ Ibid., p.406.

⁸ IRENEO. **Irenæus Against Heresies**. Livro II, Cap.XXXIV, in ANF, vol.1, p.411.

⁹ ORBE, Antonio. Op.cit. p.411.

¹⁰ DALEY, Brian E. **Origens da Escatologia Cristã**. São Paulo: Ed. Paulus, 1994. p.52.

Deus, não um direito natural.¹¹ Irineu afirma: “A alma em si mesma não é vida, mas participa naquela vida a ela conferida por Deus”.¹² Para ele, as almas não se desfazem como o corpo, em elementos, mas sobrevivem.¹³ As almas boas descansam no seio de Abraão, e as más padecem em um lugar de pena. Tal regime de separação permanece até o dia do juízo.¹⁴

No centro da esperança de Irineu está a ressurreição do corpo, a qual ele espera para o momento do retorno de Cristo. Justos e injustos ressuscitarão em seus corpos como também com suas almas.¹⁵ Lázaro e os justos gozarão (com o corpo) definitivamente da existência de Deus. O rico e os maus serão (com o corpo) definitivamente excluídos dela. A vida divina (imortalidade e incorrupção) é outorgada somente aos bons, e não aos maus.¹⁶

1.2. TERTULIANO (145 d.C. – 220 d.C.)

Foi pai da igreja no ocidente e primeiro dos escritores de língua latina. Apologista e polemista, exerceu verdadeiro magistério doutrinal.¹⁷ Daley afirma que foi ele quem, na realidade, estabeleceu a base para a doutrina das “últimas coisas” na

¹¹ DALEY, Brian E. Op.cit. p.53.

¹² IRENEO, **Irenæus Against Heresies**, Livro II, Cap.XXXIV, in ANF, vol.1, p.412.

¹³ ORBE, Antonio. Op.cit. p.407.

¹⁴ Ibid., p.408.

¹⁵ DALEY, Brian. Op.cit. p.54.

¹⁶ ORBE, Antonio. Op.cit. p.413.

¹⁷ TERTULIANO. In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.3659.

crístandade latina.¹⁸ Entretanto, no ano 207 d.C., deixou a comunhão católica para unir-se à seita montanista.¹⁹

Portanto, percebe-se dois momentos: um Tertuliano eclesiástico e um Tertuliano montanista. Segundo Orbe, o Tertuliano eclesiástico entendia a passagem lucana como uma parábola e que só tinha aplicação à luz do juízo final. Já o Tertuliano montanista muda de opinião e a interpreta como história, algo aplicável ao intervalo entre a morte do indivíduo e o juízo.²⁰

Comparando Irineu com Tertuliano montanista, é visto que eles coincidem em três aspectos: tinham Lucas 16:19-31 como uma história; acreditavam na natureza corpórea da alma; e mencionavam a sensibilidade da alma.²¹ Para Tertuliano, uma alma sensível ao fogo corpóreo tem que ser também corpóreo.

Tertuliano eclesiástico diz que o seio de Abraão era um “receptáculo temporário das almas fiéis”.²² Sobre o texto ele comenta: “Esta região, entretanto, que eu chamo seio de Abraão, embora não é no céu, ela é ainda mais alta que o inferno, e é designada para fornecer um intervalo de descanso para as almas dos justos, até a consumação de todas as coisas a se completar na ressurreição de todo homem...”.²³

Ele reservava aos justos uma região celeste, o paraíso, o seio de Abraão, um descanso transitório. Já quando muda ao montanismo, ele tira do paraíso os fiéis

¹⁸ DALEY, Brian E. Op.cit. p.64.

¹⁹ Ibid., p.59.

²⁰ ORBE, Antonio. Op.cit. p.384.

²¹ Ibid., p.385, 386.

²² TERTULLIAN, **Tertullian Against Marcion**, livro IV, Cap.XXXIV, in ANF, vol. 3, p.406

²³ Ibidem.

comuns, e coloca lá somente os mártires.²⁴ Tanto os fiéis comuns como os gentios ficariam agora em um mesmo lugar esperando o dia do juízo.

1.3. ATANÁSIO (295 d.C. – 373 d.C.)

Foi bispo de Alexandria. Pai da Igreja Grega. Um dos principais opositores do arianismo.²⁵

Entre os principais documentos da antiga vida monástica egípcia, encontra-se “Vida de Antão” de Atanásio. Nesses documentos são apresentadas idéias sobre o juízo, céu, inferno, recompensa e punição depois desta vida, bem como a concepção vívida do drama espiritual da própria morte.²⁶

Atanásio argumenta a favor da imortalidade da alma como parte de sua exposição sobre a necessidade da humanidade de conhecer a Palavra de Deus.²⁷

Comentando sobre o texto ele diz: “Mesmo o homem rico, como o evangelho afirma, tendo se deliciado com prazeres aqui por um breve espaço de tempo, sofreu fome lá, e tendo bebido largamente aqui, lá ele passou muitíssima sede. Mas Lázaro, depois de ser afligido em cousas mundanas, encontrou descanso no céu...”²⁸

Sendo assim, aqueles que permanecem fiéis em meio às provações aqui na terra, ao final terminam bem. É neste contexto que ele menciona o povo de Israel e o povo do Egito. Israel sofreu no início, mas chegou na terra prometida. Já com os

²⁴ ORBE, Antonio. Op.cit. p.385.

²⁵ ATANÁSIO. In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.493.

²⁶ DALEY, Brian E. Op.cit. p.109.

²⁷ Ibid., p.118.

²⁸ ATHANASIUS, **Letter X. Easter**, in NPNF (second series), v. 4, p.530.

egípcios foi o contrário. A mesma coisa aconteceu ao rico e Lázaro e acontecerá também a nós.²⁹

1.4. GREGÓRIO DE NISSA (335 d.C. – 394 d.C.)

Foi doutor da Igreja Grega e bispo de Nissa. Deixou numerosos textos contra o arianismo.³⁰

Gregório, assim como Orígenes, acreditava em uma salvação universal.³¹

Para ele a ressurreição do corpo era um elemento-chave em sua concepção sobre a realização humana última.³² O bispo cria que a pessoa não é uma alma que posteriormente adquiriu um corpo material como castigo, mas uma verdadeira composição de dimensões material e espiritual que foram criadas juntas e que dependem uma da outra para sua completa existência.³³

Ele ocasionalmente fala sobre a recompensa de indivíduos imediatamente após a morte, especialmente em suas orações funerárias. Dessa forma afirma que a imperatriz Flacila foi recebida no seio de Abraão, pela primavera do paraíso... sob a sombra da árvore da vida. No mesmo contexto ele fala sobre Melécio, o falecido bispo de Antioquia, que já entrara no santuário celestial, onde intercede por seus amigos na terra.³⁴ E fala que “... ele em realidade já descansa no seio de Abraão...”.³⁵

²⁹ ATHANASIUS, **Letter X. Easter**, in NPNF (second series), v. 4, p.530.

³⁰ GREGÓRIO DE NISSA. In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.2822.

³¹ DALEY, Brian E. Op.cit. p.130.

³² Ibid., 132.

³³ Ibid., 133.

³⁴ Ibid., 134.

³⁵ NISSA, Gregory of., **Funeral Oration on Meletius**, in NPNF (second series), vol. 5, p. 516.

Uma outra citação é utilizada para mostrar que sinais corporais permanecem na alma após a dissolução do corpo. Isto “é mostrado por um diálogo no Hades (...) no qual Lázaro foi reconhecido e o homem rico não foi desconhecido.³⁶”

1.5. SANTO AMBRÓSIO (340 d.C. – 397 d.C.)

Padre da Igreja Latina. Alto funcionário imperial romano. Foi eleito pelo povo e aclamado bispo de Milão. Converteu e batizou Santo Agostinho.³⁷

Segundo Daley, Ambrósio não tem uma teoria consistente sobre o que o ser humano pode esperar na morte. Ele afirma, por um lado, que as almas permanecem em “armazéns” (*animarum promptuaria*) até a ressurreição, e lá elas antecipam psicologicamente o sofrimento ou a glória que as aguardam, pois reconhecem os seus próprios destinos que estão adiante. Já em outro momento ele sugere que as almas permanecem em suspenso depois da morte, inconscientes do juízo até a ressurreição.³⁸ Por isso não se sabe ao certo sua posição.

Ele utiliza o texto lucano para responder a pergunta de porque os bons sofrem e os maus progridem. Ele diz: “Aqueles que estão insatisfeitos com o fato que os bons recebem o mal, e os maus o bem, é mostrado pelo exemplo de Lázaro, e pela autoridade de Paulo, que as punições e recompensas são reservadas para uma vida

³⁶ NISSA, Gregory of., **On the Making of Man**, cap.XXVII, in NPNF (second series), vol. 5, p. 418.

³⁷ AMBRÓSIO (santo). In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p. 248.

³⁸ DALEY, Brian E. Op.cit. p.151.

futura”.³⁹ “Depois da morte dos dois, contudo, o mendigo estava, em descanso, no seio de Abraão; o homem rico estava em tormento.”⁴⁰

1.6. SANTO AGOSTINHO (354 d.C. – 430 d.C.)

Foi doutor da igreja latina e exerceu papel preponderante sobre a Igreja no ocidente. Seu pensamento estava centrado em dois pontos principais: Deus e o destino do homem.⁴¹

Segundo Daley, Agostinho dizia que as almas dos mortos são julgadas imediatamente no final de suas vidas. O tempo para decidir se merecemos o castigo ou a recompensa é aqui e agora. As almas entram nesse lugar de recompensa ou castigo sem o corpo, mas com algum tipo de semelhança com o corpo. Para ele, as recompensas e os castigos experimentados nesse momento, pelas almas dos mortos, são somente indicações da totalidade de seus destinos eternos, um sonho da realidade vindoura quando seus corpos forem ressuscitados.⁴²

Em uma de suas citações sobre o texto afirma: “O rico homem no evangelho finalizou suas voluptuosas dores, e veio para o tormento. Mas o homem pobre finalizou suas dores e chegou em perfeita saúde. Ele fez a escolha nesta vida do que iria ter na futura”.⁴³

³⁹ AMBROSE, St. **Duties of the Clergy**, cap. XV, in NPNF (second series), vol.10, p.10.

⁴⁰ Ibid., p.10 e 11.

⁴¹ AGOSTINHO (santo). In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.115.

⁴² DALEY, Brian E. Op.cit. p.200.

⁴³ AUGUSTIN, St. **The Works of St. Augustin**, sermão XLVII, in NPNF (first series), vol. 6, p.412.

Comentando sobre a alma, diz que “ela dói mesmo quando não associada ao corpo. Com certeza o homem rico estava sofrendo no inferno quando gritou: ‘Eu estou atormentado nesta chama.’”⁴⁴

Em outra oportunidade comentando sobre a morte de seu amigo Nebridius ele diz: “... sendo também um fiel membro da Igreja Católica, (...) agora ele mora no seio de Abraão”.⁴⁵

1.7. JOÃO CRISÓTOMO (347 d.C. – 407 d.C.)

Bispo em Constantinopla. Foi o maior orador e comentarista da Igreja Grega. Comenta-se que nenhum dos pais orientais deixou melhor reputação do que ele.⁴⁶

Crisóstomo afirma que depois que a alma é separada do corpo, nós não somos mais “senhores de nossa própria conversão” porque nos falta a liberdade para mudar nossa orientação fundamental. Com relação ao rico em seu período de sofrimento, ele comenta que este cresce em benevolência para com sua família, ainda que já seja tarde demais para qualquer benefício próprio.⁴⁷

Ele usa o texto lucano para apoiar a idéia da retribuição ou recompensa do homem após a morte:

... se nós sofremos qualquer mal injustamente, durante a vida presente, expelimos uma multidão de pecados. (...) o homem rico não recebeu o mal aqui, e por isso ele foi chamuscado lá nas chamas; e esta foi a razão porque ele não gozou qualquer consolação. Provando isso Abraão disse: ‘Filho, tu tens recebido as boas coisas; por isso tu

⁴⁴ AUGUSTIN, St. **The City of God**, livro XXI, cap. III, in NPNF (first series), vol. 2, p.453.

⁴⁵ AUGUSTIN, St. **The Confessions of St. Augustin**, livro IX, cap. IV, in NPNF (first series), vol. 1, p.131.

⁴⁶ JOÃO CRISÓTOMO. In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.5.

⁴⁷ DALEY, Brian E. Op.cit. p.161.

*estás atormentado. (...) e Lázaro coisas más, por esta razão ele é confortado.*⁴⁸

Segundo Daley, João Crisóstomo não parece ter tido nenhuma concepção de um estado “interino” ou intermediário entre a morte e a ressurreição. Para ele, o castigo dos condenados começa imediatamente após a morte. As almas dos justos, por outro lado, vão diretamente para Cristo ou entram na cidade de Deus.⁴⁹ O mesmo corpo que nós usamos nesta vida mortal é o que vai ressuscitar no dia da ressurreição. Juntamente com nossa transformação material, todo o mundo material será transformado.⁵⁰ A felicidade dos salvos só será completa quando todos estiverem reunidos.⁵¹

1.8. JERÔNIMO (347 d.C. – 419 ou 420 d.C.)

Padre e doutor da Igreja Latina. Realizou uma tradução bíblica a partir do texto hebraico, chamada “Vulgata”, a qual se tornou a versão oficial da Igreja Latina.⁵²

Ele é claro em afirmar que tanto recompensa como castigo são experimentados imediatamente após a morte.⁵³

Demonstra sua crença na recompensa do ser humano logo após a morte ao utilizar o texto para confortar familiares e amigos de pessoas falecidas. Um exemplo disso se encontra em sua carta para Marcela (uma das líderes da sociedade religiosa

⁴⁸ CHRYSOSTOM, St. John, **Concerning the Statues**, homily VI, in NPNF (first series), vol. 9, p.385.

⁴⁹ DALEY, Brian E. Op.cit. p.162.

⁵⁰ Ibid., p.158, 159.

⁵¹ Ibid., p.162.

⁵² JERÔNIMO (santo). In: **GRANDE Enciclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.3331.

⁵³ DALEY, Brian E. Op.cit. p.154 e 155.

em Roma) com o objetivo de consolá-la por causa da morte de sua amiga Lea. Ele diz: “... Lea goza de eterna felicidade; ela é bem-vinda aos coros de anjos; ela é confortada no Seio de Abraão.”⁵⁴ Enquanto o cônsul pagão Vécio Agório Pretextato, que também tinha morrido, está agora “... desolado e nu, um prisioneiro nas trevas mais imundas...”⁵⁵ assim como o homem rico da parábola.

CONCLUSÃO PARCIAL

Neste tópico é possível concluir que os pais da igreja não comentam Lucas 16:19-31 de maneira explicativa, mas utilizam o texto como argumento para apoiar suas diferentes idéias sobre a imortalidade da alma, a condição do ser humano na morte e o destino de cada um.

Entre os pais selecionados, é possível notar uma mudança de opinião com relação à crença dos acontecimentos pós-morte. Isto é importante, pois levou a uma diferente utilização da narrativa. Nos séculos II e III, com Irineu e Tertuliano, é dada ênfase a um período ou estado intermediário entre a morte e a ressurreição. Já entre os séculos III e V, esse período desaparece, e surge a idéia de um castigo ou recompensa imediatos após a morte. Vale ressaltar que Ambrósio, por algum momento de sua vida, defendia uma postura diferente das demais. Ele dizia que após a morte as almas permaneciam em suspenso, ou seja, inconscientes de um juízo até o dia da ressurreição.

⁵⁴ JEROME, *Carta XXIII*, in NPNF (second series), vol. 6, p.42.

⁵⁵ *Ibidem*.

Este capítulo ajudou na compreensão de como os pais da igreja selecionados entendiam e utilizavam o texto. Estaria correta alguma destas opiniões? Utilizaram eles de maneira adequada a narrativa? Estaria Jesus ensinando acerca de um período intermediário entre a morte e a ressurreição? Será que o juízo ocorre logo após a morte? Apoiaria Cristo a imortalidade da alma? Seria o texto uma parábola ou uma história? Os próximos capítulos tratarão de responder estas questões.

CAPÍTULO II

ANÁLISE CRÍTICO-EXEGÉTICA DE LUCAS 16:19-31

2.1. LUCAS 16:19-31 E SUA ESTRUTURA LITERÁRIA

19 Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e cada dia se banqueteava com requinte. **20** Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. **21** Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinha lambe-lhe as úlceras. **22** Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico, e foi sepultado.

23 No inferno, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. **24** Então exclamou: “Pai Abraão, tem piedade de mim, e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama.” **25** Abraão respondeu: “Filho, lembra-te que recebestes teus bens em vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. **26** E além do mais, entre vós e nós existe um grande abismo, de modo que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o podem, nem tampouco atravessarem os de lá até nós”.

27 Ele replicou: “Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, **28** pois tenho cinco irmãos; que ele os advirta para que não venham eles também para este lugar de tormento”.

29 Abraão, porém, respondeu: “Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam”. **30** Disse ele: “Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se converterão”. **31** Mas Abraão lhe disse: “Se não escutam nem a Moisés nem aos profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão”.⁵⁶

A texto é dividido em duas partes:⁵⁷

- Versos 19-26 – Inversão de situações
- Versos 27-31 – Intercessão do rico

⁵⁶ BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Tradução Revista. São Paulo: Paulinas, 1973. p.203-204.

⁵⁷ HARMON, Nolan B. **The Interpreter's Bible**. New York: Abingdon Press, 1952. v.8. p.288,289.

Na primeira, o rico se banqueteara e gozava os prazeres durante a vida, mas depois na morte ele sofria e era atormentado em meio às chamas. O oposto ocorreu a Lázaro. O mendigo passava fome e era coberto de úlceras nesta vida. Já depois na morte ele é levado pelos anjos ao seio de Abraão.

Na segunda parte, o rico pede a Abraão que envie a Lázaro a seus irmãos para que eles não tenham o mesmo fim que ele. Abraão responde que eles têm a Moisés e aos profetas como testemunho. O rico insiste para que seja enviado alguém dentre os mortos. E Abraão conclui dizendo que se eles não escutam a Moisés e aos profetas, mesmo que alguém ressuscite, não se convencerão.

2.2. DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícope do texto é o próprio Lucas 16:19-31. Para chegar a essa conclusão, foram respeitados os limites naturais do texto, averiguando os elementos de unidade e de divisão explícitos no relato.

Com relação à unidade, o argumento mais forte é a própria coerência que existe no texto. A narrativa flui de maneira clara do princípio ao fim sem interrupções, e é possível ver que os personagens mencionados no início estão até o final. Não há dúvida que exista uma relação lógica entre os versos.

Já sobre os elementos de divisão no início da perícope, se percebe que não existe nenhuma relação temática entre o verso 18, que fala acerca do divórcio, e o verso 19, que é o início do relato do rico e Lázaro. O verso 18 é encontrado também nos evangelhos de Mateus e de Marcos (Mt.19:9; Mc.10:10-12). Em Mateus, o verso

está inserido no meio de uma discussão entre Cristo, os fariseus e os discípulos. Já em Marcos está no final do texto. Em Lucas, o verso aparece de maneira isolada. Portanto, pelo contexto do verso apresentado nos outros evangelhos, podemos perceber que ele não se harmoniza de maneira direta com o verso 17 nem tampouco com o verso 19 do capítulo 16 de Lucas.

Um outro ponto é a mudança de assunto entre os capítulos 16 e 17.⁵⁸ No primeiro, a mensagem apresentada, segundo Nichol, é a importância de hoje ser tomada a decisão sobre o destino eterno, pois não existe uma segunda oportunidade após a morte.⁵⁹ Já no 17:1, segundo John Nolland, Jesus está colocando uma grande carga de responsabilidade sobre aqueles que fazem o outro tropeçar.⁶⁰ No primeiro, é o final da narrativa (16:31). No segundo, uma advertência contra os escândalos (17:1).

Outro detalhe a se mencionar é a falta de conexão entre as subdivisões nos versos de 1-10 do capítulo 17.⁶¹ Segundo Leon Morris, é possível que Lucas tenha reunido fragmentos dos ensinamentos de Jesus, dos quais não sabia o contexto histórico,⁶² e os colocou em seqüência no início do capítulo. Portanto, o capítulo 17 parece não ter relação alguma com os discursos anteriores.⁶³

⁵⁸ NICHOL, Francis. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Washington DC: Review and Herald Publishing Association, 1980. v.5, p.837.

⁵⁹ Ibid., p.207.

⁶⁰ NOLLAND, John. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word Books Publisher, 1993. v.35b, p.837.

⁶¹ NICHOL, Francis D., Op.cit., p.816.

⁶² MORRIS, Leon L. **Lucas: Introdução e Comentário**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Mundo Cristão, 1990. p.240.

⁶³ DAVIDSON, F. **O Novo Comentário da Bíblia**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. p.1048.

2.3. VARIANTES DA PERÍCOPE E FIGURAS DE LINGUAGEM

Nesta perícopre foram encontradas três variantes dignas de menção. É importante clarificar também que o relato é atestado em todos os principais manuscritos de Lucas. São elas:

Lucas 16:19 – Esta primeira variante acrescenta ao início da narrativa a frase: “E disse também outra parábola...” (Εἶπεν δὲ καὶ ἑτέραν παραβολὴν). Ela aparece nos manuscritos D O Δ* Θ ps lat sys⁶⁴. Provavelmente esta variante seja uma tentativa de harmonização com a linguagem comum de Lucas, portanto não estaria no original.

Por causa desta variante não se pode concluir de maneira segura se o texto é ou não uma parábola. Jesus geralmente introduzia uma parábola declarando-a como tal ou mencionando que o reino dos céus era semelhante a uma pessoa ou coisa (Mat. 13:3,24,33,44,45,47). Mas isso nem sempre foi assim (Luc. 15:8,11; 16:1 por exemplo). A mesma verdade pode também ser vista em parábolas do Antigo Testamento (Juízes 9:8-15; II Reis 14:9)⁶⁵.

Lucas 16:19 – Nesta segunda variante são mencionados diferentes nomes dados ao rico. No Egito, a tradição o chama de “Νευης”. Segundo Metzger foi um erro do escriba que queria anotar “Νίνευης”. Essa variante pode ser encontrada no papiro P⁷⁵ como exemplo. O segundo nome é encontrado nos tratados do Pseudo-Cipriano, escritos em 242/3, e de Priscila, produzido um século depois, onde o chamam de “Fineias”. E o terceiro seria uma tardia nota marginal de Pedro de Riga (séc. XIII)

⁶⁴ NESTLE, Eberhard. **Greek New Testament**. 16. ed. New York: American Bible Society, 1816. p.200.

⁶⁵ NICHOL, Francis D., Op.cit., p.831.

onde o chamam de “Amenophis” (ou Amonofis).⁶⁶ Igualmente ao primeiro, esse nome também era usado no Egito (séc. XIV a.C.).⁶⁷

Lucas 16:21 – Neste texto foram encontradas três variantes: “o que caía”, “as migalhas que caíam” e “migalhas que caíam”.⁶⁸ Segundo Metzger, a expressão “των φιχίων” (as migalhas) foi introduzida por copistas de Mateus 15:27.⁶⁹ Neste trabalho adotaremos a primeira variante “o que caía” por ser a variante mais curta, com os melhores e mais antigos manuscritos, e porque as outras duas variantes aparentemente são uma tentativa de harmonização com a passagem de Mateus.

Aparece somente uma figura de linguagem que está no verso 29: “... eles têm a Moisés e aos profetas...”. Existe aqui uma troca do escritor (no caso Moisés) em lugar de seu livro ou de seus escritos. Poderia ser dito então “... eles têm os escritos de Moisés e aos profetas...” ou até mesmo “... a lei e os profetas...”. (Ver também Lc. 24:27; At. 15:21; 21:21; II Cor. 3:15).⁷⁰

2.4. ANÁLISES DE PALAVRAS E FRASES-CHAVE DO TEXTO

Neste tópico serão analisadas algumas palavras, frases ou expressões selecionadas para maior esclarecimento do texto.

⁶⁶ METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. 3. ed. London: United Bible Societies, 1971. p.165,166.

⁶⁷ AKENATON. In: **NOVA Enciclopédia Barsa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda. v.1, p.173.

⁶⁸ LAND, K. et. Alli.. **The Greek New Testament**. 3. ed. Stuttgart: United Bibles Societies, 1983. p.280.

⁶⁹ METZGER, Bruce M., Op.cit., p.166.

⁷⁰ BULLINGER, Ethelbert W. **Diccionario de Figuras de Dicción Usadas en la Bíblia**. Barcelona: Editorial Clie, 1990. p.459.

Verso 19 – “... *púrpura e linho fino...*”. Existiam duas fontes primárias: a primeira é um molusco chamado *murex* do qual se extrai essa cor, e que depois passou a designar a própria cor. Essa púrpura era provinda da Fenícia. Outra fonte era a raiz de uma planta chamada *garança*. Já púrpura essa era originária da Ásia Menor, especialmente a cidade de Tiatira. A tinta era permanente. Aqui a palavra se refere à cor da veste exterior do rico. O linho fino, do grego *byssus*, é um linho egípcio que era vendido por duas vezes o seu peso em ouro. Era usado como veste mais interna. Certos linhos egípcios eram tão finos que eram chamados de “ar tecido”. O material era muito caro e era símbolo do estado de abundância do rico nesta parábola.⁷¹

Verso 20 – “... *Lázaro, jazia à sua porta...*”. O nome Lázaro é uma abreviação da expressão hebraica “aquele que Deus ajuda”, justamente trazendo a idéia de que o rico não ajudou o mendigo, somente Deus.⁷² Talvez foi por esta razão que Jesus usou este nome na narrativa. A porta aqui se trata de um portão ou pórtico grande, como o de uma cidade ou um palácio. A casa era realmente grande.⁷³

Verso 21 – “... *do que caía da mesa do rico...*”. Traduzido a partir do aramaico seria melhor “daquilo que era atirado ao chão por aqueles que se abastavam à mesa do rico”. Esta frase estaria se referindo aos pedaços de pão que se usavam para limpar os pratos e enxugar as mãos e que depois se atiravam sobre a mesa.⁷⁴

Verso 22 – “*seio de Abraão*”. Significa a bolsa acima da cinta, que se faz ao puxar a roupa um pouco para cima. Este quadro é achado nos escritos rabínicos com

⁷¹ CHAMPLIN, Russel N. **Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. São Paulo: Editora Hagos, 2002. v.2, p.162.

⁷² GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 1999. p.406.

⁷³ MORRIS, Leon L. **Lucas, Introdução e Comentário**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990. p.237.

⁷⁴ JEREMIAS, J. **As Parábolas de Jesus**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1986. p.185.

relativa raridade. Pode se referir ao cuidado especial (como no caso do amor que uma mãe mostra ao filho que carrega nas dobras do seu vestido sobre o peito) ou ao lugar de honra à mesa ao lado de Abraão. Quando alguém reclina à mesa, sua cabeça ficava aproximadamente ao nível do peito do vizinho (João 13:23).⁷⁵ Traz a idéia de um lugar de benção.⁷⁶ Em 4 Macabeus 13:17 são mencionados sete irmãos que esperam ser recebidos por Abraão, Isaque e Jacó quando morrerem.⁷⁷ Nos escritos de Hipólito aparece a descrição do seio de Abraão da seguinte maneira:

*Há uma descida nesta região, cuja porta nós acreditamos que está um arcanjo com uma hoste; quando aqueles passam através desta porta, estes são conduzidos para baixo pelos anjos designados sobre as almas. Eles não vão da mesma maneira; os justos são guiados ao lado direito e conduzidos com hinos, cantados pelos anjos designados sobre aquele lugar, em uma região de luz; em que os justos têm morado desde o começo do mundo; não constrangidos por necessidade, mas sempre gozando a expectativa das boas coisas que eles vêem, e felizes na expectativa daquelas novas alegrias que serão peculiares a cada um deles, e considerando aquelas coisas além do que nós temos aqui; lá não é nenhum lugar de trabalho duro, nem calor ardente, nenhum frio congelante, nem existe qualquer espinho; mas o semblante dos pais e do justo, que eles vêem, sempre os sorri, embora eles esperam por esse descanso e vida nova eternal no céu, onde é sucedida por esta região. Esse lugar nós chamamos O Seio de Abraão.*⁷⁸

Verso 23 – “Inferno”. Do grego *hades*. Sua etimologia é incerta. Pode significar “invisível” ou também “horripilante”. *Hades* ocorre com Homero como nome próprio do deus do outro mundo, enquanto no restante da literatura grega, representa o outro mundo como habitação dos mortos que ali existem como sombras. Depois de Homero, pode significar o “sepulcro”, “morte”. Foi paulatinamente que os gregos

⁷⁵ COENEN, Loathar & BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2001. v.1, p.6.

⁷⁶ VINE, W. E. **Diccionario Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento**. Barcelona: Clie, 1984. v.4, p.36.

⁷⁷ MACHO, A. Diez. **Apócrifos del Antiguo Testamento**. Madrid: Ediciones Cristandad, 1984. v.3, p.157.

⁷⁸ HIPPOLYTUS. **Against Plato, on the Cause of the Universe**. In ANF, vol.5, p.221, 222.

ligaram a este conceito as idéias de galardão e castigo. Os bons eram recompensados no *hades* enquanto os maus recebiam castigos.⁷⁹

No Antigo Testamento, todos os mortos iam para um mundo subterrâneo, um lugar de trevas, onde não há lembrança de Deus. Este lugar subterrâneo é chamado em hebraico *sheol* ou *hades* na LXX (Jó 10:21, 22; Sal. 6:5). No judaísmo rabínico, sob influência persa e helênica, apareceu a doutrina da imortalidade da alma, alterando assim o conceito do *hades*. A atestação mais antiga desta doutrina é I Enoque Etíope 22. Este capítulo se relaciona estritamente com Lucas 16:22 e seguintes (cf. também Enoque Et. 51:1; 102:5; 103:7; II Macab. 6:24). Surge então a idéia de galardão e castigo no *hades* logo após a morte. Sob a influência da doutrina da ressurreição, o *hades* perdeu seu papel de lugar da permanência eterna das almas, e ficou sendo um local preparatório e temporário de descanso para as almas até a ressurreição (cf. Enoque Et. 51:1; Test. Ben. 10; Sib. 4:178-190; II Ed. 5:45).⁸⁰

Nos tempos de Cristo, *hades* era o lugar dos espíritos desencarnados antes do juízo final. Ele era dividido em duas partes: Uma de consolação, com todos os fiéis reunidos junto a Abraão como pai; e a outra de tormento e fogo. Isso de maneira geral. Os detalhes evidentemente representam as idéias correntes naquele tempo entre os judeus. Segundo eles, o Jardim do Éden e a Árvore da Vida eram as habitações dos bem-aventurados, enquanto que os malvados iam para um lugar chamado *Gehena*. Era comum a crença da possibilidade de comunicação entre os mortos. A sede parecia ser o tormento dos ímpios. O justo é visto junto a fontes deleitosas, e os malvados com a língua seca na margem de um rio, cujas águas

⁷⁹ COENEN, Loathar & BROWN, Colin. Op.cit. v.1, p.1022, 1023.

⁸⁰ COENEN, Loathar & BROWN, Colin. Op.cit. v.1, p.1022, 1023.

retrocedem constantemente deles. Aparentemente não existe analogia nos escritos rabínicos à afirmação lucana de que existe um abismo entre paraíso e *Gehena*. De maneira geral, quem ia ao seio de Abraão era fariseu e quem ia ao *Gehena* era publicano.⁸¹ Todos, no entanto, iam indistintamente para o *hades*. No texto lucano, apenas o rico vai para o *hades* ou *sheol*. Lázaro é conduzido pelos anjos ao seio de Abraão, ou seja, somente o rico desce ao submundo e de lá vê o pobre agraciado juntamente ao patriarca.

Versos 23, 24 – “olhos”, “dedo” e “língua”. Tomada de maneira literal, a narrativa apresenta alguns detalhes que entram em choque com a doutrina platônica da imortalidade da alma com a idéia de espíritos incorpóreos.⁸²

O rico pede a Lázaro que lhe refresque a “língua” com um toque de seu próprio “dedo” molhado em água. Há também uma menção aos “olhos” do miserável que se voltam ao seio de Abraão. Nota-se a permanência de um corpo físico no estado espiritual intermediário. Como poderiam eles ter tal corpo sendo que ao mesmo tempo estes estavam na sepultura? (v.22). E também, tais corporeidades não coadunam com a condição “pré-ressurrecionista” dos personagens (ver menção “... mesmo que alguém ressuscite dos mortos...” no verso 31).⁸³ Portanto, parece difícil que Jesus esteja tomando a narrativa de forma literal e utilizando-a para apoiar a doutrina da imortalidade da alma com seus espíritos incorpóreos.

Mesmo aqueles que afirmam a literalidade da narrativa concordam que existem pontos figurativos como é o caso dos justos descansando no seio de Abraão. Essa

⁸¹ EDERSHEIN, Alfred. **La Vida y los Tiempos de Jesús el Mesias**. Barcelona: Clie, 1989. v.2, p.224,225.

⁸² ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.28.

⁸³ NICHOLI, Francis D., Op.cit., p.833,834.

problemática levou Orígenes até mesmo a discutir sobre “o tamanho dilatadíssimo”⁸⁴ de tal lugar. Muitos exegetas, por entendê-lo “ao pé da letra”, não encontravam no seio (pessoal) do patriarca, lugar para muitos. É claramente impossível que todos os justos descansassem ali.

No momento em que é admitido que esta e outras porções não são tomadas literalmente, é obrigatório reconhecer o caráter figurativo de todo relato. Se alguém não quiser aceitar que o texto inteiro é figurativo, terá que reconhecer que se uma parte é ou não tomada figurativamente será uma decisão de sua própria escolha arbitrária, e não baseada em qualquer princípio de interpretação.⁸⁵

Um outro detalhe seria a proximidade entre o lugar de tormentos e o seio de Abraão. Como poderia o justo viver feliz sendo que talvez pudesse estar assistindo o sofrimento de um familiar ou ente querido em meio às chamas sem poder ajudá-lo?

Portanto, se torna necessário admitir que a narrativa lucana é uma parábola e não uma história. E sendo uma parábola, seus detalhes não devem ser utilizados para apoiar doutrina. Como já afirma um conhecido princípio de interpretação bíblica “*Theologia parabólica non est theologia argumentative*”,⁸⁶ conclui-se que não é prudente basear a doutrina da imortalidade da alma neste relato.

Verso 26 – “abismo”. (Gr. *Abyssus* - Abismo, poço, mundo inferior). É realmente um adjetivo com o significado de “sem fundo”, “insondável”. No grego posterior representava “as profundezas primevas”, “oceano primevo”, o “retiro dos mortos”, o “mundo inferior”. Ocorre cerca de 25 vezes na LXX, o “oceano primevo”

⁸⁴ ORBE, Antonio. Op.cit. p.399.

⁸⁵ NICHOLI, Francis D., Op.cit., p.831,833.

⁸⁶ BAILEY, Kenneth. **As Parábolas de Lucas**. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p.25.

(Gen.1:2), “águas profundas” (Sal. 42:7 [LXX 41:7]), o “reino dos mortos” (Sal. 71:20 [70:20]). O judaísmo rabínico conservou o significado de “dilúvio primevo”. Também representa o “interior da terra”, onde se descobrem os cadáveres que causam impureza. O livro de Enoque o menciona como a prisão dos espíritos caídos (Enoque Et.10:4 e segs.). No Novo Testamento é a prisão para demônios (Luc.8:31). De lá emerge a besta (Apoc.17:8). Satanás ficará acorrentado no “abismo” durante o milênio (Apoc.20:1,3).⁸⁷

Normalmente, nos relatos judaicos sobre o *hades*, é mencionado uma espécie de rio que separava os justos dos ímpios,⁸⁸ onde somente os justos tinham acesso.⁸⁹ É possível que este abismo fosse mais bem traduzido como “águas profundas” ou algo parecido.

CONCLUSÃO PARCIAL

Este capítulo ajudou a delimitar a perícope e apresentar a sua forma em duas partes. Foi possível averiguar que o texto não tem maiores complicações em suas variantes. Da primeira variante, se conclui que ocorreu uma tentativa de harmonização e que não se pode utilizá-la para afirmar se o texto é ou não uma parábola. A segunda menciona nomes dados ao rico (Níneve, Fineias e Amenofis) que aparentemente são nomes utilizados pelos egípcios, pelo menos durante os séculos

⁸⁷ COENEN, Loathar & BROWN, Colin. Op.cit. v.1, p.1021, 1022.

⁸⁸ NOLLAND, John. Op.cit. p.826.

⁸⁹ EDERSHEIN, Alfred. Op.cit. p.225.

XVI a XII a.C. A terceira só acrescenta um detalhe na tradução que não traz maior problema, pois a versão da Bíblia adotada já a inclui.

Com relação às palavras e frases-chave do texto conclui-se que: Jesus enfatiza a diferença econômica entre os personagens do relato; a crença de um *hades* para onde iam as almas dos mortos (parecida a Lucas 16:19-31) surgiu no judaísmo por influencia helênica e era uma idéia conhecida nos tempos de Cristo; o gênero literário da perícopa é parabólico e não histórico, portanto não é prudente utilizá-la para apoiar a doutrina da imortalidade da alma; é possível que a melhor tradução para “abismo” seja “águas profundas” ou algo parecido devido às crenças judaicas da época; e que a única figura de linguagem existente não apresenta maiores complicações para a compreensão da parábola.

Que mensagem Jesus queria transmitir com esta parábola? A quem Jesus estava se dirigindo? Por que a menção de aparentes nomes egípcios em variantes do relato bíblico? Por que Jesus utilizaria uma crença judaica de origem helênica em uma de suas parábolas? Esta pesquisa tratará de responder estas perguntas no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

ANÁLISE HISTÓRICO-TEOLÓGICA DE LUCAS 16:19-31

3.1. CONTEXTO HISTÓRICO DA PERÍCOPE

Não existe nenhuma informação específica sobre o tempo, lugar ou circunstâncias sob as quais a parábola foi relatada por Cristo. Provavelmente ela foi contada perto e talvez até na mesma ocasião do capítulo 15. Isso aconteceu poucos meses antes do término do ministério de Cristo, talvez por volta de janeiro e fevereiro do ano 31 d.C., em algum lugar na Pereia, região além do Jordão⁹⁰.

Tampouco se sabe ao certo quem estava ouvindo a Cristo, mas talvez estivessem ali os discípulos (16:1), escribas, publicanos, pecadores (15:1), e até mesmo uma grande multidão (14:25). Mas, pelo que parece, Jesus estava se dirigindo aos fariseus (16:14) naquele momento⁹¹.

A atestação mais antiga do judaísmo rabínico sobre a imortalidade da alma (mencionado no capítulo dois desta pesquisa) está em I Enoque Etíope 22. No verso um diz: “Desde ali fui a outro lugar, e me foi mostrado no ocidente...”⁹² e o autor afirma que viu ali o lugar separado para os mortos até o juízo, ou seja, o hades. Mas o detalhe interessante é que o *hades* está situado no “ocidente” ou oeste (concepção

⁹⁰ NICHOL, Francis. Op.cit., p.824.

⁹¹ KINGSBURY, Jack D. **Conflict in Luke**: Jesus, Authorities, Disciples. Minneapolis: Fortress Press, 1991. p.95.

⁹² MACHO, A. Diez. Op.cit., v.4, p.58.

egípcia); já no resto do livro o hades está situado debaixo da terra⁹³ (concepção hebraica e grega)⁹⁴. Para os egípcios o Oeste ou a região dos mortos eram chamados de “Amentit”. Essa idéia originou-se na mitologia egípcia, pois Amentit era a deusa que personificava o Oeste ou a região dos mortos⁹⁵. Porque, então, a atestação judaica mais antiga sobre imortalidade da alma mencionaria o *hades* no ocidente e não debaixo da terra? Existiria alguma relação egípcia com o texto de I de Enoque? Sendo o texto lucano bastante parecido ao texto de Enoque, seria possível alguma relação egípcia com a parábola do rico e Lázaro?

Em 1918, Hugo Gressman elaborou uma monografia mencionando um conto popular egípcio preservado no lado reverso de um documento datado do ano 47d.C. (ver anexos). Esse documento demótico data do I século, mas o conto egípcio ali mencionado seria do VI século a.C. Ele propõe a idéia de que essa lenda egípcia deu origem a uma série de contos místicos⁹⁶ possivelmente muito bem conhecidos nos círculos judaicos do I século. E ele conclui que provavelmente a narrativa do rico e Lázaro, utilizada por Cristo, era um destes contos.⁹⁷

O conto egípcio narra a história, dita verídica por alguns, de Satmi-Kharinois e de seu filho Senosíris. É esta:

Um dia Satmi viu que levavam um rico para ser sepultado na montanha com honras militares e lamentações. Olhou uma segunda vez e, a seus pés, percebeu um pobre que era transportado para fora de Mênfis, deitado numa esteira, sozinho e sem ninguém do mundo que o acompanhasse. Satmi disse: ‘Pela vida de Osíris, o Senhor de Amentit, seja-me concedido em Amentit ter o que tem os ricos – grande lamentação – e não o que têm os pobres que são levados à montanha sem pompa nem honrarias!’. Senosíris, seu filhinho, lhe disse: ‘Em Amentit, seja feito contigo o que se

⁹³ Conferir em I Enoque Etíope 63:10.

⁹⁴ MACHO, A. Diez. Op.cit., v.4, p.28.

⁹⁵ GOURGUES, Michel. **A Vida Futura Segundo o Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1986. p.27.

⁹⁶ NOLLAND, John. Op.cit., p.826.

⁹⁷ HARMON, Nolan B. Op.cit., v.13. p.289.

fez com este pobre homem, e não seja feito contigo em Amentit o que fizeram com este rico’.

(Senosíris mandou seu pai descer em Amentit).

Então, Satmi percebeu um personagem distinto, vestido com roupas de linho fino e que se achava perto do lugar em que Osíris estava, numa posição muito elevada... Senosíris lhe disse: ‘Meu pai Satmi, vê este importante personagem vestido com roupas de linho fino e que se acha perto do lugar em que está Osíris? É aquele pobre homem que viste quando o levavam para fora de Mênfis, sem que ninguém o acompanhasse, e que estava deitado numa esteira! Conduziram-no para o Hades; pesaram suas más obras e seus méritos durante o tempo em que viveu na terra; verificaram que seus méritos eram mais numerosos do que suas más obras. Considerando-se que o período de vida que Tot inclui em sua conta não correspondia a uma soma de felicidade suficiente em comparação ao tempo em que passara na terra, foi ordenado perante Osíris que se transferisse o cortejo fúnebre deste rico, que viste ser levado para fora de Mênfis com honras militares, para o pobre homem, que é este aqui presente, depois de haver ele passado no meio das divindades veneráveis, dos fachos de Socarosíris, perto do lugar em que se acha Osíris. O rico que viste foi conduzido para o Hades; pesaram-se suas más obras e seus méritos; constatou-se que suas más obras eram mais numerosas do que seus méritos aqui na terra; ordenaram que no Jardim de Amendoeiras ele recebesse a sua retribuição, e foi ele que viste com o eixo da porta do Jardim de Amendoeiras enfiado em seu olho, girando dentro deste olho, tanto quando se fecha quanto quando se abre a porta, enquanto de sua boca saem gritos fortíssimos... Quem faz o bem na terra recebe o bem no Jardim de Amendoeiras, mas quem faz o mal recebe o mal’⁹⁸.

Acredita-se que este relato teria sido trazido para Israel por judeus alexandrinos e se tornou bem popular em Jerusalém⁹⁹. Logo versões judaicas surgiram e aqui está uma delas. Trata-se de um conto rabínico do devoto e do filho do publicano Ma’yan¹⁰⁰:

Havia em Ascalon dois devotos: comiam juntos, bebiam juntos, dedicavam-se juntos a leitura da Torá. Um deles morreu e não lhe prestaram a mínima homenagem. O filho do publicano Ma’yan morreu e toda a cidade acorreu para prestar-lhe homenagem. Então o devoto ainda vivo começou a se lamentar dizendo: “Que desgraça! Aos inimigos de Israel (= os maus israelitas) nada acontece (de mau)”. Em sonho ele teve uma visão e lhe disseram: “Não desprezes os filhos do teu Senhor (= os israelitas)! O primeiro (= o devoto) cometeu um pecado, e foi assim que escapou (= sua falta foi expiada por seu enterro solitário); o segundo praticou uma boa obra, e foi

⁹⁸ GOURGUES, Michel. Op.cit. p.27.

⁹⁹ JEREMIAS, J. Op.cit. p.184.

¹⁰⁰ Ver também em Talmude palest., Hagiga, II, 77d, 38.

assim que escapou (= teve sua recompensa no seu enterro magnífico)”. Que pecado cometera tal devoto? Não fora uma falta grave, mas certa vez colocara os “tefilins” da cabeça antes de colocar os das mãos. E que boa obra fizera o filho do publicano Ma’yan? Certamente, não se tratava de uma boa obra verdadeira, mas uma vez preparara um almoço para os conselheiros (da cidade), e estes não vieram à refeição. Então disse ele: “Os pobres podem comê-lo para que não se perca...”. Alguns dias depois, este devoto viu em sonhos o devoto, que fora seu companheiro, num jardim, à sombra perto de uma fonte. Viu também o filho do publicano Ma’yan que estirava a língua às margens de um rio: queria alcançar a água e não conseguia.¹⁰¹

Histórias como essas eram trazidas por pessoas que afirmavam ter visões ou até mesmo visitado o mundo dos espíritos a fim de informar sobre as condições ali existentes.¹⁰²

Fazendo uma relação entre o contexto histórico e o capítulo dois deste estudo, é possível afirmar que a parábola parece ser dividida em duas partes: A primeira vai dos versos 19-26 e parece ser uma menção (de Jesus ou do evangelista) acerca de um relato previamente existente e conhecido entre o povo da época.

Existem detalhes que confirmam existir semelhança clara entre a narrativa bíblica e o texto egípcio, como: a vestimenta de “linho fino” utilizada pelos personagens; o fato de um ser rico e outro pobre; suas mortes; o paralelo entre Osíris e Abraão no paraíso; o lugar privilegiado dos justos perto destes; a palavra *hades*; e outros.

Percebe-se também semelhanças estruturais entre a parábola lucana e os relatos extra-escurísticos. Todos tratam do tema das riquezas, da opressão sobre o pobre e da inversão de valores no mundo futuro.

¹⁰¹ GOURGUES, Michel. Op.cit. p.28.

¹⁰² CHAMPLIN, Russel N. Op.cit. v.2, p.162.

Um outro detalhe interessante são as variantes textuais com os nomes Nínive, Finéias e Amenofis aplicados ao rico, que se não forem de origem egípcia, ao menos eram utilizados na região do Nilo entre os séculos XVI a XII a.C.

A idéia de Gressman ganhou ainda mais apoio com o estudo de Hock acerca de um pobre sapateiro chamado Micyllus que, humilhado em vida por um rico, também ocupa posição de honra no além, enquanto o outro é torturado com fogo.¹⁰³

Este relato é mencionado por Luciano de Samosata em suas obras *Gallus* e *Cataplus*. Isso demonstra que o relato egípcio tinha sido amplamente adotado e subseqüentemente adaptado de diversas maneiras.¹⁰⁴ Não se pode olvidar que Luciano, no final de sua vida, ocupou um alto posto na administração imperial do Egito e logo depois voltou para Atenas reassumindo suas atividades de escritor e orador.¹⁰⁵ Ele pode ter conhecido o conto egípcio neste período. Se ele conheceu antes, só reforça a idéia de que a lenda circulava também nas mentes romanas e gregas do I e II séculos.

A segunda parte da parábola vai dos versos 27-31. Ela apresenta uma singularidade com relação aos demais textos. Nos relatos extra-escriturísticos, o que fornece a dinâmica central são as viagens (sejam sonhos ou visões) ao mundo dos mortos e/ou mensagens trazidas de lá. Alguém sempre volta para contar o que ali se passou. Já na narrativa do evangelho essa possibilidade torna-se rejeitada.¹⁰⁶

¹⁰³ NOLLAND, John. Op.cit., p.826.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ LUCIANO. In: **NOVA Enciclopédia Barsa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda. v.9, p.133.

¹⁰⁶ NOLLAND, John. Op.cit., p.826.

Para os vivos basta a Moisés e aos profetas. Testemunhos de viagens ao além de nada adiantam para trazer alguém à conversão se a própria palavra de Deus não o houver convencido de seus pecados.

O Cristo de Lucas parece ir contra esta febre apocalíptica do I século. Ele adverte contra os falsos profetas (Luc. 17:20,21; 21:8) e exalta as Escrituras como fonte de revelação salvadora (Luc. 8:15; 11:52; 18:31; 24:25-27).

Ao invés de convalidar a crença da imortalidade da alma, Jesus estaria utilizando a narrativa do Rico e Lázaro para contrariar às primeiras versões judaico-helenísticas do mundo dos mortos.

3.2. INTERPRETAÇÃO ADVENTISTA DE LUCAS 16:19-31

Este tópico está baseado no comentário bíblico adventista.¹⁰⁷

Em Lucas 16:19-31, Jesus continua a lição estabelecida na parábola do administrador desonesto (16:1-12) de que o uso feito das oportunidades da vida presente determinam o destino futuro.

Lucas 16:1-12 foi dirigido particularmente para os discípulos (v.1), mas no verso 9 Jesus muda o seu foco para os fariseus presentes. Estes se recusam a aceitar os ensinamentos de Jesus na parábola do administrador (v.14). Jesus então afirma que eles podem ser honrados pelos homens, mas que Deus lê o coração de cada um (v.15). Eles tinham tido suficiente luz. Eles tinham desfrutado a instrução da “Lei e os profetas” e desde o ministério de João tinham recebido luz adicional sobre o

¹⁰⁷ NICHOL, Francis. Op.cit., p.830,831.

evangelho (v.16). Nos versos 17 e 18 Jesus afirma que os princípios estabelecidos na lei são imutáveis – Deus não muda – e dá um exemplo desta sublime verdade comentando acerca do divórcio.

A parábola do rico e Lázaro é então dada para mostrar que o destino do ser humano é decidido na vida presente pelo uso feito de seus privilégios e oportunidades. Em primeiro lugar, o homem rico representa todo homem que fez uso errado das oportunidades da vida, e, em senso coletivo, ele representa também a nação judaica, a qual, como o homem rico, estava cometendo um erro fatal.

A parábola consiste em duas cenas, uma representando esta vida (v.19-22) e a outra a próxima (v.23-31). A do administrador desonesto focaliza o problema a partir de um ponto de vista positivo, de alguém que fez preparativos para o futuro. A do rico e Lázaro focaliza o mesmo problema desde um ponto de vista negativo, de quem falhou em fazer tais preparativos. O homem rico errou em pensar que a salvação é baseada na descendência abraâmica e não sobre o caráter (cf. Eze. 18).

Os Adventistas acreditam que, como todas as outras parábolas, a do rico e Lázaro deve ser interpretada em harmonia com seu contexto e com o teor geral das Escrituras.

Um importante princípio de interpretação é de que cada parábola foi designada para ensinar uma verdade fundamental, e que os detalhes da parábola não devem necessariamente ter significado em si mesmos, exceto como “elementos-chave” para a história ou quando o contexto deixe claro que tal significado é intencionado.

Existe um outro princípio dizendo não ser sábio usar os detalhes de uma parábola para ensinar doutrina. Somente a lição fundamental de uma parábola como

claramente estabelecida em seu contexto e confirmada pelo teor geral das Escrituras, junto com detalhes explanados no próprio contexto, pode legitimamente ser considerada uma base para doutrina.

A idéia de que Jesus queria ensinar que o homem (seja bom ou mau) recebe suas recompensas na morte, viola ambos estes princípios.

Pode-se perguntar “por que Jesus introduziria dentro de uma parábola ilustrações figurativas que não representam a verdade como claramente estabelecida nas Escrituras, e particularmente em suas próprias declarações literais”? A resposta é que ele encontrava o povo em seu “próprio terreno”. Muitos na audiência (sem ao menos possuir razão escriturística no Antigo Testamento para isso) acreditavam na doutrina de um estado de consciência existente entre a morte e a ressurreição. Este pensamento errôneo permeia a literatura judaica pós-exílica em geral e, como muitas outras crenças tradicionais, tornou-se uma parte do judaísmo no tempo de Jesus (ver Mar. 7:7-13). Jesus simplesmente fez uso de uma crença popular para deixar claro uma importante lição que ele queria colocar na mente de seus ouvintes. Um exemplo deste método didático de passar do conhecido para o desconhecido está em I Coríntios 15:20,29 onde Paulo utiliza a crença popular (não bíblica) do batismo pelos mortos para falar sobre a ressurreição.

CONCLUSÃO PARCIAL

Deste capítulo é possível concluir que, segundo Nichol¹⁰⁸, Jesus contou esta parábola em algum lugar da Peréia, por volta de Janeiro e Fevereiro do ano 31d.C., para várias pessoas, mas mais especificamente dirigida aos fariseus.

Ele fez uso de um relato pré-existente com o objetivo de encontrar seu público onde eles estavam, em seu “próprio terreno”, partindo do conhecido para o desconhecido. Queria prepará-los para ensinar a lição de que todo o ser humano deve utilizar as oportunidades na vida presente, pois elas determinam o destino futuro. Depois da morte essas oportunidades acabam e já não se pode mudar mais nada.

A parábola que Jesus contou parece ser originária de uma lenda egípcia do século VI a.C. que provavelmente foi trazida por judeus alexandrinos e logo deu origem a vários contos místicos judaicos. Jesus fez uso de um destes relatos, mas com um detalhe diferente. Enquanto nos relatos extra-escriturísticos a dinâmica central são as viagens ou visões ao mundo dos mortos e muitas vezes as mensagens trazidas de lá, Cristo rejeita essa possibilidade e afirma que para preparar-se para a vida futura basta Moisés e os profetas. Se não se escuta a Palavra de Deus, ainda que alguém ressuscite dos mortos não ocorrerá genuína conversão.

Um detalhe interessante é que poucas semanas depois deste relato, Jesus realmente ressuscitou a um homem chamado Lázaro e mesmo assim os líderes do povo não creram nele (João 11). Apesar de o Lázaro da parábola e o Lázaro amigo de Jesus não terem relação, fica a possibilidade de que Jesus em sua onisciência

¹⁰⁸ NICHOL, Francis. Op.cit., p.824.

houvesse utilizado o nome Lázaro na narrativa porque sabia da futura morte e ressurreição de seu amigo e da reação que os líderes do povo teriam.

Jesus parece ir contra esta febre apocalíptica do I século e, ao invés de convalidar a crença da imortalidade da alma, Jesus estaria utilizando a parábola para contrariar às primeiras versões judaico-helenísticas do mundo dos mortos.

A última conclusão extraída deste capítulo é que existe uma relação harmoniosa entre a idéia de Gressman e a posição Adventista. Enquanto a Igreja Adventista afirma que Jesus simplesmente fez uso de uma crença popular para deixar claro uma importante lição, Gressman mostra uma possível origem para tal crença. O detalhe interessante, é que ao fazê-lo (não se sabe se de maneira proposital), Gressman ressalta a diferença existente entre os demais relatos e a parábola lucana. Esse detalhe é fundamental para esta pesquisa, pois ele mostra que Jesus estaria utilizando a parábola para ir contra a doutrina platônica da imortalidade da alma e ressaltando as Escrituras como guia de salvação.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo foi feito um histórico da interpretação patrística do texto; foi descoberto que os pais da igreja não comentam Lucas 16:19-31 de maneira explicativa, mas o utilizam como argumento para apoiar suas diferentes idéias sobre a imortalidade da alma, a condição do ser humano na morte e o destino de cada um.

Entre os pais selecionados, foi possível notar uma mudança de opinião com relação à crença dos acontecimentos pós-morte. Nos séculos II e III, com Irineu e Tertuliano, foi dada ênfase a um período ou estado intermediário entre a morte e a ressurreição. Já entre os séculos III e V, esse período desaparece, e surge a idéia de um castigo ou recompensa imediatos após a morte. Vale ressaltar que Ambrósio em algum momento de sua vida, defendia uma postura diferente das demais. Ele dizia que após a morte as almas permaneciam em suspenso, ou seja, inconscientes de um juízo até o dia da ressurreição.

Esse capítulo reforçou a necessidade e a importância de se fazer uma exegese do texto. Esta pesquisa apóia a posição defendida por Ambrósio de que após a morte as almas permanecem inconscientes de um juízo até o dia da ressurreição.

No segundo capítulo foi delimitada a perícopes e visto que ela é o próprio texto de Lucas 16:19-31. Sua estrutura literária divide-se em duas partes: Versos 19-26, com uma inversão de situações e versos 27-31 com a intercessão do rico.

Foi possível averiguar que o texto não tem maiores complicações em suas variantes. Na primeira variante foi concluído que ocorreu uma tentativa de harmonização e que não se pode utilizá-la para afirmar se o texto é ou não uma parábola. A segunda menciona nomes dados ao rico (Níneve, Fineias e Amenofis) que aparentemente são nomes utilizados

pelos egípcios, pelo menos durante os séculos XVI à XII a.C. A terceira só acrescenta um detalhe na tradução que não traz maior problema, pois a versão da Bíblia adotada já a inclui.

Com relação às palavras e frases-chave do texto se concluiu que: Jesus enfatiza a diferença econômica entre os personagens do relato; a crença de um *hades* para onde iam as almas dos mortos (parecida a Lucas 16:19-31) surgiu no judaísmo por influencia helênica e era uma idéia conhecida nos tempos de Cristo; o gênero literário da perícopé é parabólico e não histórico, portanto não é prudente utilizá-la para apoiar a doutrina da imortalidade da alma; é possível que a melhor tradução para “abismo” seja “águas profundas” ou algo parecido devido às crenças judaicas da época; e que a única figura de linguagem existente não apresenta maiores complicações para a compreensão da parábola.

Este capítulo ajudou na pesquisa ao mostrar que a perícopé é uma parábola e por isso não é prudente utilizá-la para apoiar a doutrina da imortalidade da alma, como os pais da igreja a utilizavam. A parábola que Jesus contou vem de origem helênica e era uma crença bem conhecida naqueles tempos. Este capítulo contribuiu também a formular estas perguntas: Que mensagem Jesus queria transmitir com esta parábola? A quem Jesus estava se dirigindo? Porque a menção de aparentes nomes egípcios em variantes do relato bíblico? Por que Jesus utilizaria uma crença judaica de origem helênica em uma de suas parábolas?

No terceiro capítulo foi analisado o contexto histórico-teológico da perícopé e a interpretação que a Igreja Adventista possui sobre a parábola. Foi constatado que Jesus fez uso de um relato pré-existente querendo encontrar seu público onde eles estavam, em seu “próprio terreno”, partindo do conhecido para o desconhecido. Queria prepará-los

para ensinar a lição de que todo ser humano deve utilizar as oportunidades na vida presente, pois elas determinam o destino futuro. Depois da morte essas oportunidades acabam e já não se pode mudar mais nada.

A parábola que Jesus contou parece ser originária de uma lenda egípcia do VI século que provavelmente foi trazida por judeus alexandrinos e logo deu origem a vários contos místicos judaicos. Jesus fez uso de um destes relatos, mas com um detalhe diferente. Enquanto nos relatos extra-escriturísticos a dinâmica central são as viagens ou visões ao mundo dos mortos e muitas vezes as mensagens trazidas de lá, Cristo rejeita essa possibilidade e afirma que para preparar-se para a vida futura basta a lei e os profetas. Se não se escuta a palavra de Deus, ainda que alguém ressuscitá-se dos mortos não ocorrerá genuína conversão.

Jesus parece ser contra esta febre apocalíptica do I século e ao invés de convalidar a crença da imortalidade da alma, estaria utilizando a parábola para contrariar a versões primeiras judaico-helenísticas do mundo dos mortos.

A última conclusão extraída deste capítulo é que existe uma relação harmoniosa entre a idéia de Gressman e a posição adventista. Enquanto a Igreja Adventista afirma que Jesus simplesmente fez uso de uma crença popular para deixar claro uma importante lição, Gressman mostra uma possível origem para tal crença. O detalhe interessante, é que ao fazê-lo (não se sabe de maneira proposital), Gressman ressalta a diferença existente entre os demais relatos e a parábola lucana. Esse detalhe é fundamental para esta pesquisa, pois isso mostra que Jesus estaria utilizando a parábola para contrariar a doutrina platônica da imortalidade da alma e ressaltar as Escrituras como guia de salvação.

Depois destas conclusões, torna-se possível então responder as perguntas apresentadas na introdução desta pesquisa: Pode este texto ser utilizado para apoiar a doutrina da imortalidade da alma? Estaria Jesus afirmando um estado de consciência após a morte? Afirmaria Ele que o juízo de todo ser humano ocorre logo após o seu falecimento? Após deixar este mundo, iria o homem a um lugar de benção e regozijo ou para um de horrível tormento eterno? A resposta a todas estas perguntas é “não”.

Segundo esta pesquisa, Jesus estava fazendo uso de uma crença popular da época (partindo do conhecido para o desconhecido) com três objetivos aparentes: (1) Descartar a febre apocalíptica de seus tempos, que enfatizava as viagens ao mundo dos mortos e as mensagens trazidas de lá; (2) apresentar as Escrituras como guia seguro para salvação; (3) advertir ao povo sobre a importância de aproveitar as oportunidades da vida presente, pois são elas que determinam o destino futuro.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A Bíblia de Jerusalém. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

ALAND, K. [et. Al]. **The Greek New Testament**. 3 ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1983.

BAILEY, James L. **Literary forms in the new testament: a handbook**. Kentucky – U.S.A.: John Knox, 1992.

BAILEY, Kenneth. **As Parábolas de Lucas**. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BARKER, Kenneth L. **NIV Bible commentary**. Grand Rapids – Michingan: Zondervan Publish House, 1994. 2 volumes.

BENOIT, André. **A Atualidade dos pais da igreja**. São Paulo: Aste, 1966.

BULLINGER, Ethelbert W. **Diccionario de figuras de dicción usadas en la Biblia**. Barcelona: Clie, 1990.

CARTER, Charles W. **The Wesleyan Bible commentary**. 2 ed. Michigan: William B. Eerdmans, 1969. 6 volumes.

CHAMPLIN, Russel N. **Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagos, 2002. 6 volumes.

CHILDERS, L. Charles (et. Al.). **Beacon Bible Commentary**. Kansas City: Missouri, Beacon Hill Press. 1964. 10 volumes.

CLARKE, Adam. **Comentário de la Santa Bíblia**. Kansas City – EUA: Casa Nazarena de Publicaciones. 1973. 3 volumes.

COENEN, Loathar & BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2 volumes.

DALEY, Brian E. **Origens da escatologia cristã**. São Paulo: Paulus, 1996.

DAMSTEEGT, P.G. **Nisto cremos: 27 ensinios bíblicos dos adventistas do sétimo dia**. 7 ed. Tatuí – S.P.: Casa Publicadora Brasileira. 2003.

DAVIDSON, F. **O Novo comentário da Bíblia**. 3 ed. São Paulo: Vida Nova , 1997.

Dicionario de La Bíblia. Barcelona – Espanha: Editorial Herder, 1963.

DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

EDERSHEIM, Alfred. **Usos e costumes de los judios en los tiempos de Cristo.** Barcelona – Espanha: Editorial Clie, 1990.

EDERSHEIN, Alfred. **La vida y los tiempos de Jesus el Messias.** Barcelona: Clie, 1989. 2 volumes.

FEE, Gordon. D. & STUART, Douglas. **Entendes o que lêis?** 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERREIRA, Antonio Gomes. **Dicionário de latim – português.** Porto – Portugal: Porto Editora. [19-?].

FERREIRA, Antônio Gomes. **The Greek New Testament.** 3 ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1983.

FROOM, L. E. **The Conditionalist faith of our fathers.** Washington D. C.: Review and Herald Publish Association. 1995. 2 volumes.

GAEBELEIN, Frank E. **The Expositor's Bible commentary.** Michigan: Zondervan Publish House, 1984. 12 volumes.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada.** São Paulo: Vida, 1999.

GOURGES, Michel. **A vida futura segundo o Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1986.

Grande Enciclopédia Larrousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998. 24 volumes.

HARMON, Nolan B. **The interpreter's Bible.** New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952. 12 volumes.

HASTINGS, James (edit). **The Speaker's Bible: the gospel according to St. Luke,** Baker House – EUA: Grand Rapids. 1971. 18 volumes.

HORN, Siegfried. **Seventh-day adventist Bible dictionary.** Washington D.C. : Review and Herald Publish Association, 1979.

IRONSIDE, H. A. **Andresses on the gospel of Luke.** New Jersey: Loizeaux Brothers, 1978.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986.

KINGSBURY, Jack Dean. **Conflict in Luke: Jesus, authorities, disciplines**. Minneapolis: Fortress Press, 1991.

KNIGHT, G. R. **Questions on Doctrines**. Berrien Springs – Michigan: Andrews University Press, 2003.

LACUEVA, Francisco. **Nuevo Testamento interlinear greco-español**. Barcelona: Editorial Clie, 1984.

LENSKI, R. C. H. **The Interpretation of St. Luke's gospel**. Mineápolis – Minnessota: Augsburg Publishing House. 1961. 12 volumes.

LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo testamento interlinear**. São Paulo – S.P.: Editora Cultura Cristã, 2003.

MACHO, A. Díez. **Apócrifos del Antiguo Testamento**. Madrid: Ediciones Crissandad, 1984. 4 volumes.

METZDER, Bruce M. **A textual commentary on Greek New Testament**. 1 ed. London: United Bible Societies, 1971.

METZGER, Bruce M. **The Text of the New Testament**. 2 ed. Oxford: Oxford University press, 1968.

MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1990. Série: Cultura Bíblica.

MOULTON, W. F. & GEDEN, A. S. **A Concordance of the Greek Testament**. 5 ed. Edinburgh: T. & T. Clark, 1978.

MUELLER, Carrol S. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Edições Paulinas. 1975.

NICHOL, Francis D. (edit). **Comentário bíblico Adventista del Séptimo Dia**. Buenos Aires: Publicaciones Intemmericanas, 1987. 8 volumes.

NICHOL, Francis D. **The Seventh-day Adventist Bible commentary**. Washington – D.C.: Review and Herald publish association, 1980. 8 volumes.

NOLLAND, John. **Word Biblical commentary**. Dallas – Texas: Word Books Publisher. 1993. 52 c volumes.

Nova enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Enciclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. 14 volumes.

ORBE, Antonio. **Parábolas evangélicas en San Ireneo**. BAC – Biblioteca de autores cristianos. 331 e 332. Madri: La editorial Catolica, 1976. 2 volumes.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

ROBERTS, Alexander & DONALDSON, James. **The Ante-Nicene Fathers**. Michigan WM. B. Eerdmans Publishing Company. 1967. 10 volumes.

ROS, Pablo Termes. **Enciclopedia de la Bíblia**. Barcelona: Ediciones Garriga, S.A., 1963.

SANDMEL, Samuel. **Judaism and Christian beginnings**. New York: Oxford University Press, 1978.

SCHAFF, Philip & WACE, Henry . **Nicene and post-nicene fathers: second series**. Michigan, WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1961. 14 volumes.

SCHAFF, Philip. **Nicene and post-nicene fathers: first series**. Michingan, WM. B.: Eerdmans Publishing company, 1956. 14 volumes.

SILVA, Rodrigo P. **Análise lingüística do Σημερον em Lucas 23:43**. São Paulo: Gráfica Lagoa Bonita, 2002.

STOGER, Alois. **O Evangelho segundo Lucas**. Petrópolis – R.J.: Editora Vozes Ltda. 1974. 2 volumes.

TAYLOR, W. C. **Dicionário do NT Grego**. Rio de Janeiro – R.J.: Juerp, 2001.

The Analytical greek lexicon. New York: Harper and Brothers Publishers. [19-?].

VINE, W. E. **Diccionario expositivo de palabras del Nuevo Testamento**. Barcelona: Clie, 1984. 4 volumes.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 2001.

WHITE, Ellen G. **Parábolas de Jesus**. Tatuí – S.P.: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

WIGODER, Geoffrey. **The Encyclopedia of Judaism**. New York: Macmillan Publishing Company, 1989. 1 volume.

ANEXO 1



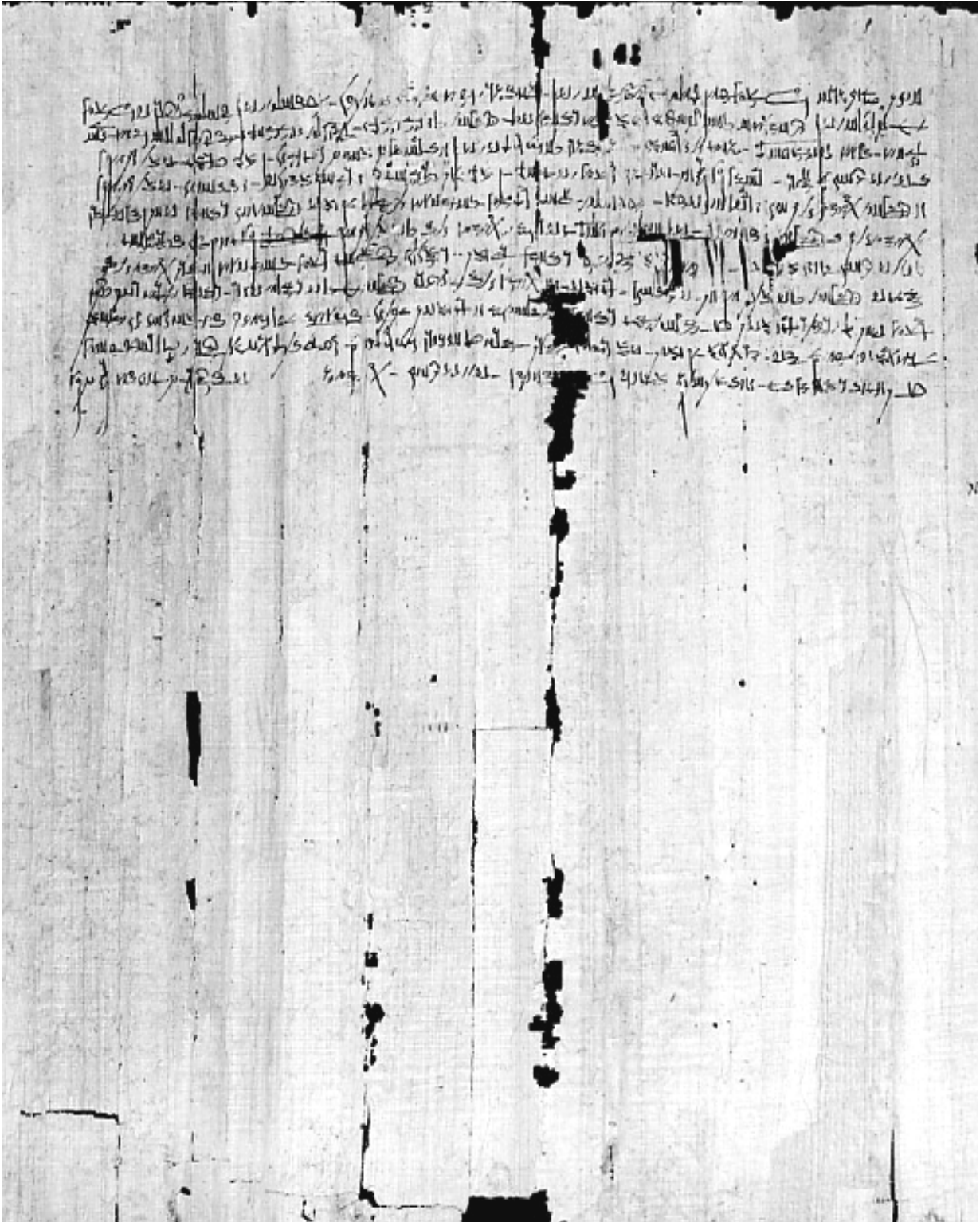
Reverso do papiro demótico EA 10822 contendo o relato egípcio.
Fonte: Museu Britânico

ANEXO 2

Handwritten text in Demotic script, likely an ancient Egyptian account or report. The text is densely packed and spans multiple lines across the page. The script is highly stylized and characteristic of the Demotic period. The document is identified as the reverse side of papyrus EA 10822, containing an Egyptian narrative.

Reverso do papiro demótico EA 10822 contendo o relato egípcio.
Fonte: Museu Britânico

ANEXO 3



Reverso do papiro demótico EA 10822 contendo o relato egípcio.
Fonte: Museu Britânico

